

COTIDIANO E GESTÃO DO TEMPO DE BEBÊS

Lucélia de Almeida Silva
Fernanda Müller

Resumo: Um crescente corpo de pesquisas internacionais têm destacado os estudos sobre o uso do tempo, buscando compreender o que os indivíduos fazem com seu tempo e o porquê. Neste estudo buscamos explorar a organização e a gestão do tempo de dois bebês, um menino e uma meninas, de 11 e 18 meses respectivamente, em um período de 24 h do final de semana. Ambos os bebês frequentam uma creche pública. Utilizamos como instrumento o Diário do Uso do Tempo (HETUS) com adaptações e entrevistas subsequentes com as mães. Percebemos que a gestão do tempo é determinada por diferentes fatores. Ora as ações das crianças demandaram respostas dos adultos, que tiveram que redefinir seus comportamentos despendendo atenção a elas, ora, os adultos imprimiram seu ritmo às ações das crianças. Nessa relação, o tempo familiar parece ser negociado, dando mais centralidade ou não ao papel social do bebê na família.

Palavras-chaves: bebê; Diário do uso do tempo (HETUS); gestão do tempo.

Introdução

Um crescente corpo de pesquisas internacionais têm destacado a importância dos estudos sobre o uso do tempo. Minkoff e Riley (2011) afirmam que a partir deste tipo de estudo é possível compreender a cotidianidade, o que os indivíduos fazem com seu tempo e o porquê, bem como investigar seu uso e a experiência subjetiva dos acontecimentos. Diversos estudos vêm sendo conduzidos com a utilização de grandes amostragens nacionais, que permitem análises comparativas internacionais entre países sobre as configurações atuais do tempo no dia a dia dos indivíduos. Em geral, tais estudos são realizados com a população adulta.

Estudos de revisão de literatura (LARSON; VERMA, 1999; BEN-ARIEH; OFIR, 2002; VOGLER; MORROW; WOODHEAD, 2009) sobre a temática do uso do tempo mostram uma lacuna nos estudos voltados às crianças, principalmente os bebês. Embora as crianças pequenas não sejam o foco das pesquisas sobre o uso do tempo, Ben-Arieh e Ofir (2002), Vogler, Morrow, Woodhead (2009) afirmam que as preocupações com as atividades diárias das crianças não são novas. De acordo com estes autores, a temática tempo e infância possui centralidade nas pesquisas desenvolvidas pelas diversas disciplinas que compõem os estudos da infância, pois uma característica inevitável das crianças é que elas mudam com o tempo, sendo o “ponto de partida para o paradigma do desenvolvimento” (VOGLER; MORROW; WOODHEAD,

2009, p. 2). A maioria das pesquisas de âmbito internacional sobre os padrões de atividades cotidianas de crianças aborda aspectos da escolarização.

Em relação à temática do uso do tempo das crianças, alguns estudos recentes, como os de Teixeira e Cruz (2006a), Christensen e James (2008) e Minkoff e Riley (2011), buscaram uma lógica diferente ao tentar compreender o cotidiano das crianças a partir do ponto de vista delas próprias. Para tanto estas pesquisas construíram metodologias capazes de dialogar com a especificidade da infância.

Teixeira e Cruz (2006a) utilizaram o diário do uso do tempo com crianças entre 8 e 10 anos de idade na região metropolitana do Porto, em Portugal. Neste caso o instrumento foi preenchido a partir de uma entrevista com as crianças, quando o pesquisador solicitava que descrevessem as atividades que lembrassem. Minkoff e Riley (2011) realizaram um estudo sobre a percepção do uso do tempo com crianças de 6 e 7 anos que viviam no norte de Israel. Utilizaram como instrumento metodológico uma adaptação do diário de uso do tempo dos adultos e desenhos para captar as informações subjetivas sobre as rotinas diárias das crianças. Após a aplicação do diário ocorreu uma entrevista detalhada com cada criança, para explorar suas percepções de tempo em relação às ocupações diárias, por meio de desenhos e uma escala de avaliação. Já Christensen e James (2008) buscaram compreender se existiam semelhanças no cotidiano de crianças de 10 anos que viviam em zonas urbanas e rurais da Inglaterra. Para isso, apresentaram às crianças um círculo vazado em uma folha branca, como instrumento para registrarem sua semana. O instrumento visava facilitar o pensamento das crianças quando respondiam à pergunta sobre a utilização do tempo.

Nesse sentido, buscando contribuir para os estudos da infância e do cotidiano e partindo de um paradigma diferente de estudos que consideram a criança como devir, é que propomos a analisar o uso do tempo pelos e/ou para os bebês. Para isso nos valem do estudo de Bondioli e outros autores (2004), realizado em Cesena, Itália. Neste trabalho os autores definem três tipos de gestão do tempo: autônomo, intermediário e dirigido. As três categorias nos inspiraram na definição da gestão do tempo pelo e/ou para o bebê. “Pelo” refere-se às atividades em que os bebês são os responsáveis pela gestão do tempo, enquanto “para” trata de aspectos relacionados à gestão do tempo do bebê pelos adultos e a combinação “e/ou” diz respeito ao tempo de gestão intermediária dependendo das interações de bebês e adultos. Acreditamos que a distribuição do tempo é um dos elementos que ajuda a compreender as configurações da infância.

Ainda que em um primeiro momento pareça ambicioso dizer que o bebê é responsável pela gestão do seu tempo ou que faça uma gestão compartilhada do tempo ao invés de apenas uma gestão do seu tempo pelo adulto, nosso estudo tenta colaborar com outros estudos sobre e com os bebês que elucidam as potencialidades das ações dos bebês. Destacamos os trabalhos de Franchi e Vasconcelos et al (2003), Anjos et al (2004), Camera (2006), Schmitt (2008), Coutinho (2010), Laviola (2010), Urra (2011), Secanechia (2011), Nazareth (2011), Gobbato (2011), Guimarães (2011), Santos (2012), dentre outros, que a partir de referenciais teóricos e metodológicos distintos, têm contribuído para a consolidação de uma agenda de pesquisa sobre bebês no Brasil. Vale destacar que a unidade conceitual “uso” é entendida convencionalmente como uma estrutura organizativa da vida cotidiana (VOGLER; MORROW; WOODHEAD, 2009).

Apresentamos, a seguir, o percurso metodológico do estudo, o recorte dos dados gerados, a análise, e por fim algumas considerações.

Metodologia

O presente trabalho se conecta a um projeto de pesquisa mais amplo, em andamento, que busca explorar diferentes modos de vida de bebês em contextos de creche e/ou familiares. As mães participantes da presente pesquisa foram localizadas por meio da inserção de uma das pesquisadoras em uma creche pública localizada em uma cidade de grande porte do Centro-Oeste. As mães foram convidadas a participar segundo o critério de menor idade da criança na turma do berçário da instituição.

O trabalho foi desenvolvido com dois bebês, um menina e uma menino, de 18 meses e 11 meses de idade respectivamente, que frequentavam a mesma turma de berçário. A seleção das participantes seguiu critérios de conveniência e intencionalidade. De acordo com Gil (2008, p. 94) a seleção por conveniência é adequada para estudos exploratórios ou qualitativos, onde o “pesquisador seleciona os elementos a que tem acesso”. Já Creswell (2010, p. 273) escreve que a seleção intencional significa que o pesquisador vai selecionar os indivíduos, local, material que mais o ajudarão a entender o problema e as questões de pesquisa. Nesse sentido foram realizados três convites para obter a participação da mãe de uma menina e um convite para a participação da mãe do menino.

A menina participante é Clarice, que tinha 18 meses de idade na data do primeiro preenchimento do diário (25/11/2013). Ela frequenta a creche desde fevereiro de 2013, mora com seu pai, a mãe e o irmão na periferia da cidade. O menino, Augusto,

tinha 11 meses de idade na data do primeiro preenchimento do diário (25/09/2013). Ele frequenta a creche desde abril de 2013, mora com seu pai, a mãe e a irmã mais velha em um bairro central da mesma cidade.

Por se tratar de uma pesquisa focada no tempo, para a geração de dados foi utilizado o Diário do Uso do Tempo. Este instrumento oportuniza uma interessante forma de coleta de dados sobre o cotidiano dos indivíduos. O presente estudo construiu um diário inspirado no modelo proposto pelo *Harmonised European Time Use Surveys* – HETUS (EUROSTAT, 2004). Neste instrumento as atividades são registradas em um quadro com intervalos de tempo pré-definidos de 10, 15, 20 ou 30 minutos conforme a pertinência para o estudo em pauta. Além deste instrumento, utilizamos como referência os diários utilizados nos estudos de Teixeira e Cruz (2006a), organizados em um quadro onde se registrava a hora em que começava e terminava a atividade. Dessa forma, no presente estudo, foi possível gerar as seguintes informações: atividade desenvolvida, hora de início e fim de cada atividade, local, com quem estava durante a atividade e observações.

Os dados gerados relativos ao cotidiano dos dois bebês foram registrados em dois momentos diferentes. Um diário foi preenchido em um período de 24 horas do dia da semana em que a criança esteve presente na creche e o outro, em um período de 24 horas no final de semana. Ao escolhermos estes dois períodos tínhamos a intenção de obter uma descrição pormenorizada das atividades desenvolvidas pelos bebês, durante 24 horas, mas também em contextos distintos.

Destacamos que o registro de 24 horas durante o dia da semana foi realizado tanto pela mãe, enquanto a criança estava em casa, como pela pesquisadora, que acompanhou o bebê em suas atividades na creche. Assim, o registro das atividades realizadas no contexto familiar, tanto no dia da semana quanto no final de semana foi realizado somente pela mãe. O registro na creche foi realizado de forma individualizada, com uma ida a campo em datas diferentes para cada uma das crianças.

Para complementar as informações dos diários foram realizadas entrevistas semiestruturadas com as mães. Com esta estratégia buscou-se superar uma limitação do instrumento apontada por Larson e Verma (1999), em relação à tendência dos sujeitos em omitirem o tempo dedicado às atividades curtas relacionadas aos cuidados pessoais e às conversas entremeadas no âmbito das atividades, bem como conhecer as motivações destes na organização do tempo. Assim, as anotações do diário serviram como base para o roteiro da entrevista.

Para este trabalho optamos por delimitar a análise dos dados gerados do diário do uso do tempo dos bebês realizado no final de semana, pois objetivamos explorar as atividades das crianças em seu contexto familiar, sem necessariamente a organização de um tempo estruturado por meio da rotina da instituição de Educação Infantil.

Análise dos dados

Tendo em mãos os diários do uso do tempo do final de semana das crianças e as entrevistas realizadas com as mães, iniciamos a análise dos dados. Assim, categorias foram organizadas a partir da triangulação das informações registradas pelas mães no diário da criança e as informações apresentadas durante a entrevista. A organização das categorias baseou-se inicialmente no quadro de codificação de atividades do HETUS (EUROSTAT, 2004), no entanto, as ações das crianças bem pequenas demandou que estas correspondessem às especificidades da natureza do presente estudo. Foram construídas duas categorias ao final, quais sejam: cuidados pessoais e interação.

A categoria cuidados pessoais foi a única que manteve a lógica do modelo de HETUS e considerou ações relacionadas às atividades de alimentação, higiene e descanso do bebê. Na categoria interação utilizamos como referência o conceito de interação social de Goffman (1999). Para o autor, as interações sociais ocorrem num ambiente espacial e temporalmente circunscrito. Assim, a situação de interação tem início quando o monitoramento mútuo da conduta começa a ocorrer num determinado espaço-tempo, onde o espaço físico não é apenas um cenário, mas também condiciona fisicamente a interação.

Os estudos de Franchi e Vasconcelos et al (2003); Anjos et al (2004); Camera (2006), Guimarães (2011), Schmitt (2008), Coutinho (2010) sobre processos interativos de bebês também nos ajudaram a compreender as ações dos bebês e nos inspiraram na definição deste conceito. De acordo com Rossetti-Ferreira, Amorim e Oliveira (2009) a definição de interação vem passando por alterações ao longo das últimas décadas, principalmente dentro da área de estudos sobre o desenvolvimento humano. Segundo as autoras o termo engloba mais do que fazer algo juntos, pois contempla a regulação recíproca implícita e não necessariamente intencional dos bebês. Segundo Franchi e Vasconcelos et al (2003, p. 297) a “incompletude motora” dos bebês pode ser um elemento que também desencadeia processos interativos:

A incompletude motora dos bebês funciona como um ponto de instabilidade no sistema representado por essas crianças em interação. Dessa maneira, o

que poderia ser mais delimitado e definido, se mais maduro do ponto de vista motor, torna-se mais caótico, indefinido, repleto de instabilidade e, com isso mesmo, um campo fértil para o surgimento do novo.

Assim, os próprios autores (2003, p. 297) assumem que a incompletude motora “age como uma perturbação no sistema interativo” de crianças com seus pares, podendo gerar diferentes possibilidades. Portanto, na categoria interação consideramos todo o tipo de brincadeira, exploração do ambiente, interações com adultos, outras crianças e objetos.

Vale destacar que a análise do registro de uma atividade nos mostra que esta poderia ser classificada em mais de uma categoria, contudo a opção foi por manter apenas a que se sobressaiu em relação as demais. Por exemplo: a atividade registrada de “tomar banho” pode ser categorizada como brincadeira, interação ou cuidados pessoais, dependendo da descrição da mãe. Portanto o enquadramento em apenas uma categoria levou em conta as informações das mães na descrição da atividade, considerando-as assim como co-produtoras de dados. A escolha de uma só categoria também serviu para evidenciar por meio das descrições das mães sobre o tempo, a perspectiva destas sobre a infância e a família. Isto tornou igualmente viável a apresentação desta análise de dados.

Em relação ao registro das atividades houve um relato de 72 episódios no diário de Augusto totalizando 23h44min. No diário de Clarice houve um registro de 24 episódios totalizando 21h02min. É possível observar no diário de Clarice a omissão de atividades, o que já foi observado em outros estudos que utilizaram este mesmo tipo de instrumento. Para superar esta fragilidade recorreremos as indicações de Minkoff e Riley (2011) de associar o diário do uso do tempo a mais um tipo de instrumento, que neste caso foi as entrevistas com as mães.

Em relação ao tempo gasto nas atividades, observamos nos Quadros 1 e 2 que a maior quantidade de tempo foi despendido aos cuidados pessoais para as duas crianças. Em seguida observamos as atividades de interação. Augusto passou mais tempo que Clarice realizando estas atividades, porque o número de atividades registradas por sua mãe foram mais detalhadas. Ainda que no registro de Clarice conste uma quantidade menor de horas, a mãe relatou na entrevista que a criança é muito ativa e que em momentos registrados como por exemplo “assistir televisão” ela também brincou, explorou o ambiente, interagiu com outros membros da família.

Quadro 1 – Total de horas por categorias

Atividades de Augusto	Total de horas	%
-----------------------	----------------	---

Quadro 2 – Total de horas por categorias

Atividades de Clarice	Total de horas	%
-----------------------	----------------	---

Cuidados pessoais	11:59	50,5%
Interação	11:45	49,5%

Fonte: *corpus* de pesquisa

Cuidados pessoais	14:22	68,3%
Interação	06:40	31,7%

Fonte: *corpus* de pesquisa

As subcategorias relacionadas aos cuidados pessoais, demonstradas nos Quadros 3 e 4, foram: sono, higiene e alimentação. Para ambas as crianças a maior parte deste tempo foi empregado para o sono, seguido da alimentação. Clarice gastou mais tempo do que Augusto em atividades de alimentação, porque estes momentos foram descritos pela mãe como menos frequentes e mais longos; já os momentos descritos no diário de Augusto foram mais recorrentes, contudo, com menor duração. Na subcategoria higiene foram consideradas todas as atividades descritas pelas mães, como: banho, troca de roupa e fralda.

Quadro 3 – Total de horas cuidados pessoais de Augusto

Atividades de Augusto	Total de horas	%
Dormir	09:36	80,1%
Alimentação	01:35	13,2%
Higiene	00:48	6,7%

Fonte: *corpus* de pesquisa

Quadro 4 – Total de horas cuidados pessoais de Clarice

Atividades de Clarice	Total de horas	%
Dormir	10:22	72,2%
Alimentação	03:15	22,6%
Higiene	00:45	5,2%

Fonte: *corpus* de pesquisa

No diário de Clarice houve apenas o registro de dois episódios relacionados à higiene, sendo um desses momentos o banho, que teve a duração de 40 minutos e outro momento descrito pela mãe como higiene, com duração de 5 minutos. Observamos nesta situação o que foi relatado por outras pesquisas como a de Carvalho (2003), cujos participantes omitiam as atividades de curta duração ou as que consideravam como obrigatórias ou como naturais.

Na categoria interação as atividades mais frequentes foram: brincar, assistir televisão, choro e outros, conforme especificado no Quadro 5 e 6. Percebemos que o brincar sobressaiu-se em relação as demais. Em relação à categoria televisão, as mães informaram que as crianças normalmente não permaneciam por muito tempo assistindo a um programa, mas logo realizavam algum outro tipo de atividade como interação com o ambiente, ou com outro membro da família.

Quadro 5 – Total de horas interação Augusto

Atividades de Augusto	Total de horas	%
-----------------------	----------------	---

Quadro 6 – Total de horas interação Clarice

Atividades de Clarice	Total de horas	%
-----------------------	----------------	---

Brincar	02:37	22,3
Televisão	00:13	1,8
Choro	00:21	3,0
Outros	08:34	72,9

Fonte: *corpus* de pesquisa

Brincar	03:35	53,8
Televisão	02:55	43,8
Choro	00:05	1,3
Outros	00:05	1,3

Fonte: *corpus* de pesquisa

Dentro da subcategoria “outros” agrupamos as atividades que foram específicas para cada criança, por exemplo: Arthur recebeu a visita da avó e Clarice foi passear em um parque. Podemos observar uma discrepância na porcentagem que esta subcategoria ocupou no dia de cada criança. O primeiro motivo ao qual atribuímos este fato é a quantidade de atividades proporcionada pela família à criança e como cada família lida com o tempo que dispõe com o filho. Podemos observar no quadro 5 que Augusto gastou 72,9% do dia em atividades que não correspondiam àquelas informadas pela mãe de Clarice.

As atividades de Artur, categorizadas como “outros” compreenderam percursos de carro, acompanhar os pais nas compras, passear com amigos dos pais, receber a visita da avó. Já Clarice permaneceu grande parte do dia em casa com a mãe, sendo que a ação que a diferencia de Augusto é a ida ao parque. Outro fator ligado a esta porcentagem tão diferente entre as crianças está relacionado às informações apresentadas pela mãe de Augusto, que forneceu muito mais detalhes das atividades desenvolvidas no dia, em comparação à mãe de Clarice. Isso pode estar relacionado à familiaridade de cada mãe com a atividade escrita, bem como o seu olhar sobre as atividades da criança, e o seu envolvimento com a pesquisa.

Destacamos a subcategoria choro, pois consideramos como uma importante forma de comunicação dos bebês. Como discutido nos estudos de Coutinho (2010, 2012), Camera (2006), Franchi e Vasconcelos et al (2003) as crianças lançam mão do corpo para se comunicar, interagir e experimentar, e, além disso, o fazem de modo intencional. Nesse sentido, as ações dos bebês que inicialmente podem ser compreendidas como apenas um ato reflexo ou como uma forma de comunicação de um mal estar orgânico, podem ser consideradas um meio de comunicação e interação. Coutinho (2010, p. 128) afirma: “mesmo que ao nascer o bebê tenha reações corpóreas que são fruto de seu instinto, ele vai progressivamente, e muito cedo, tendo manifestações que são elaboradas a partir das suas experiências socioculturais”.

Vale ressaltar que todos os momentos registrados pelas mães como “choro” não foram descritos a partir de um desconforto biológico da criança e sim como uma forma de fazer com que as mães atendessem a algum pedido delas.

O maior desafio da análise dos dados encontrou-se na dificuldade em compreender o uso do tempo pelo e/ou para o bebê, e, mais especificamente, conciliar as necessidades dos adultos com aquelas das crianças. A maior parte das atividades descritas nos diários de ambas as crianças foram de gestão intermediária do tempo. As crianças sempre estão acompanhadas por algum adulto e grande parte deste tempo passam interagindo e negociando as suas demandas com a dos responsáveis.

Igualmente, percebemos que uma série de fatores influenciam a autoria da gestão do tempo. Uma das variáveis mais importante para nosso estudo foi a rotina, pois algumas ações se repetem cotidianamente em momentos determinados, como: horários de sono e de alimentação. Por um lado, estas atividades podem tanto parecer uma ação autônoma do bebê quanto um hábito determinado externamente de adequação à rotina da mãe ou da família. De acordo com Coutinho (2010, p. 100) essa recursividade “revela um domínio da ação e a possibilidade de sua alteração e da alteração da estrutura a medida que esse tempo é vivido”.

Considerações

Neste trabalho apresentamos apenas as atividades realizadas pelos bebês no final de semana, contudo reconhecemos que há outras variáveis do uso do tempo que têm relevância, a exemplo dos espaços físicos e com quem as crianças estavam. Estas variáveis estão sendo analisadas em outros trabalhos.

Percebemos que o diário do uso do tempo se mostra um potente instrumento para obtermos informações sobre o cotidiano dos bebês, ainda que seja sob a ótica de um adulto, que tem a função de organizar a rotina deste. Todavia, reconhecemos, a partir do trabalho de Gottlieb (2013), que os responsáveis são os melhores informantes e conhecedores das rotinas de seus bebês, o que possibilitou perceber implicitamente quais são as concepções das mães acerca das ações das crianças. Ou seja, as co-produtoras de dados desta pesquisa disponibilizaram não só informações sobre o tempo, assim como inúmeras concepções a ele atreladas.

As ações dos bebês mostraram-se parte importante da organização do tempo familiar, em alguns casos com mais ou menos centralidade na família. As descrições feitas no diário de Clarice estão mais ligadas às atividades da família em geral; o tempo

de alimentação descrito não diz respeito ao tempo gasto somente pela filha durante as refeições, mas ao tempo do conjunto da família nesta atividade. Já o diário do uso do tempo de Augusto contempla mais a duração das atividades específicas da criança, dando uma centralidade ao bebê neste contexto familiar.

Podemos concluir que a gestão do tempo é determinada por diferentes fatores. Ora as ações das crianças demandaram respostas dos adultos, que tiveram que redefinir seus comportamentos despendendo atenção a elas, ora, os adultos imprimiram seu ritmo às ações das crianças. Nessa relação, o tempo familiar foi sendo negociado dando mais ou menos centralidade ao papel social do bebê dentro da família.

Referências

ANJOS, A. M. et al. Interações de bebês em creche. **Estudos de Psicologia**, v. 9, n. 3, p. 513–522, 2004.

BEN-ARIEH, A.; OFIR, A. Opinion, dialogue, review: time for (more) time-use studies. Studying the daily activities of children. **Childhood**, v. 9, n. 2, p. 225–248, 1 maio 2002.

BONDIOLI, A. (Org.). **O tempo no cotidiano infantil**: perspectivas de pesquisa e estudo de casos. Tradução Fernanda L. Ortale e Ilse Pachcoal Moreira. São Paulo: Cortez, 2004.

CAMERA, H. G. **Do olhar que convoca ao sorriso que responde**: possibilidades interativas entre bebês. 2006. 109 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

CARVALHO, M. J. S. Intersecções de gênero e classe social nos usos do tempo entre criança. In: XI Congresso Brasileiro de Sociologia. **Anais...**Campinas: 2003.

CHRISTENSEN, P.; JAMES, A. Childhood Diversity and Commonality: some methodological insights. In: _____ **Research with children**: perspectives and practices. Londres: Routledge, 2008.

COUTINHO, Â. M. S. **A ação social dos bebês**: um estudo etnográfico no contexto da creche. 2010. 291f. Tese (Doutorado em Estudos da Criança) - Instituto de Educação, Universidade do Minho, Braga, 2010.

COUTINHO, Â. M. S. O corpo do bebê como lugar do verbo. In: ARROYO, M. G; SILVA, M. R. (Orgs.). **Corpo-infância**: exercícios tensos de ser criança; por outras pedagogias dos corpos. Petrópolis: Vozes, 2012.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. Tradução Magda França Lopes. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

EUROSTAT, E. C. **Guidelines on harmonised European Time Use surveys**. Luxemburgo: Luxemburgo, 2004.

FRANCHI E VASCONCELOS, C. R. et al. A incompletude como virtude: interação de bebês na creche. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 16, n. 2, p. 293–301, 2003.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOBBATO, C. **“Os bebês estão por todos os espaços!”**: um estudo sobre a educação de bebês nos diferentes contextos de vida coletiva da escola infantil. 2011. 219f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

GOFFMAN, E. A ordem da interação. In: WINKIN, Y. **Os momentos e seus homens**: Erving Goffman. Lisboa: Relógio D'Água, 1999.

GOTTLIEB, A. **Tudo começa na outra vida**: a cultura dos recém - nascidos no oeste da África. São Paulo: Fap - Unifesp, 2013.

GUIMARÃES, D. **Relações entre adultos e bebês na creche**: o cuidado como ética. São Paulo: Cortez, 2011.

LARSON, R. W.; VERMA, S. How children and adolescents spend time across the world: work, play, and developmental opportunities. **Psychological bulletin**, v. 125, n. 6, p. 701–36, nov. 1999.

LAVIOLA, E. C. **O bebê, sua educação e cuidado em discursos de mães de camadas médias**. 2010. 431f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

MINKOFF, Y.; RILEY, J. Perspectives of time-use : exploring the use of drawings , interviews and rating-scales with children aged 6-7 Years. **Journal of Occupational Science**, v. 18, n. 4, p. 306–321, 2011.

NAZARETH, L. **Discursos sobre a creche na revista Pais e Filhos**: análise da ideologia. 2011. 191f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

ROSSETTI-FERREIRA, M. C.; AMORIM, K. DE S.; OLIVEIRA, Z. de M. R. Olhando a crianças e seus outros: uma trajetória de pesquisa em educação infantil. **Psicologia USP**, v. 20, n. 3, p. 437–464, 2009.

SANTOS, C. P. **Discursos sobre o bebê e a creche no jornal on line Folha de S. Paulo (1994-2009)**. 2012. 187f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

SCHMITT, R. V. **“Mas eu não falo a língua deles!”**: as relações sociais de bebês num contexto de educação infantil. 2008. 202f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

SECANECHIA, L. P. de Q. **Uma interpretação à luz da ideologia de discursos sobre o bebê e a creche captados em cursos de Pedagogia na cidade de São Paulo.** 2011. 227f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

TEIXEIRA, V. M. S; CRUZ, O. O uso do tempo das crianças – um estudo comparativo entre 1999 e 2006. In: I Congresso Internacional em Estudos da Criança – Infâncias Possíveis, Mundos Reais. **Anais ...** Braga: 2006a.

TEIXEIRA, V. M. S; CRUZ, O. O "Diário de Uso do Tempo" - uma metodologia para estudar o uso do tempo das crianças. In: XI Conferência Internacional Avaliação Psicológica: Formas e Contextos. **Anais...** Braga: 2006b.

URRA, Flávio. **Concepções de creche em revistas brasileiras de Pediatria:** uma interpretação a partir da ideologia. 2011, 201f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

VOGLER, P.; MORROW, V.; WOODHEAD, M. Conceptualising and measuring children's time use: a technical review for Young Lives. **Young Lives Technical Note.** [s.l], 2009.